



## Arte Pública: Diálogo da Pluralidade

Fernando Pedro da Silva

Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG  
Diretor da C/Arte Projetos Culturais

O texto que aqui apresento faz um recorte de minha dissertação de mestrado defendida na Escola de Belas Artes da UFMG sob orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Freitas, no ano de 2003.

Com a pesquisa *Arte pública: diálogo da pluralidade*, objetivo discutir as questões teóricas referentes à arte pública, visando à elaboração de um projeto específico, denominado *Arqueologia da Memória*, de intervenção na Capela de São Sebastião das Águas Claras, localizada no Arraial de São Sebastião em Nova Lima, mais conhecido como Macacos.

O conceito de arte pública é bastante amplo, abrangendo a instalação de monumentos em praça pública, a realização de *performances*, a revitalização de espaços degradados, a apropriação ecológica, bem como a intervenção nos espaços públicos em diálogo com as comunidades. Defendo esta última abordagem e focalizo a obra de arte pública voltada para as necessidades da prática cotidiana de comunidades específicas, considerando sua história, sua memória e seus valores culturais a partir do registro oral, das imagens, dos rituais religiosos e das atividades cotidianas.<sup>1</sup>

O resgate das tradições culturais e religiosas, a construção de um Centro de Memória, a organização de documentos e imagens remanescentes das ações cotidianas, a possibilidade de ampliação do espaço de sociabilidade da comunidade, além da conservação do patrimônio histórico e artístico de São Sebastião das Águas Claras, configuram-se como objetivos dessa proposta.

O projeto vem sendo desenvolvido por uma equipe interdisciplinar, com a participação de historiadores, arquitetos, museólogos, artistas, restauradores e a efetiva participação dos moradores, do poder público e religioso e da iniciativa privada.<sup>2</sup> Elemento fundamental deste grupo de trabalho é a comunidade local, que tem contribuído nas discussões do projeto e que utilizará o espaço, mantendo viva a sua história. Muito mais que a construção de uma edificação arquitetônica, o projeto *Arqueologia da Memória* busca despertar o sentimento de orgulho da comunidade de Macacos perante suas

---

<sup>1</sup> Focalizo o estudo segundo os parâmetros da história das artes visuais; mas, visando aprofundar as questões propostas, busco estudos complementares e confluente nos campos da história cultural (Marshal Berman), história social (Vera Pallamin), história da arte, arquitetura e do urbanismo (Giulio Carlo Argan, Tom Finkelpearl, Aracy Amaral e Cristina Freire), patrimônio e turismo (Stela Maris Murta e Celina Albano), filosofia da cultura (Umberto Eco, Walter Benjamim e Nelson Brissac Peixoto), psicologia e comunicação social (Regina Helena Campos e Tânia Barros Maciel), e educação (Paulo Freire).

<sup>2</sup> O projeto está sendo desenvolvido com a participação dos arquitetos João Diniz e Clarissa Bastos, dos engenheiros Flávio Sena e Leonardo Barreto, da historiadora Marília Andrés Ribeiro, da museóloga Cláudia Cardoso, das restauradoras Carolina Proença e Moema Queiroz, da psicóloga Denise Santos, dos artistas Maria do Carmo de Freitas Veneroso, Ivã Volpi e Leo Santana.

tradições religiosas, seus valores culturais e sociais, visando à construção da consciência de sua história e a valorização de sua memória.

Hoje, o artista que se propõe a realizar um trabalho urbano está cada vez mais enfocando o público e interagindo com grupos comunitários para produzir instalações, *performances*, eventos e atividades artísticas voltadas também para os problemas políticos e sociais. A tela do artista que atua em espaço público apresenta justamente a complexidade do ambiente urbano, suas diferenças e a conseqüente capacidade de interpretação de cada um, determinando múltiplas possibilidades de leitura da obra em exposição.

A apresentação da arte em espaço público passa pela educação das comunidades. Por isso, uma das demandas atuais propostas aos artistas é a necessidade de considerar em seus projetos de arte pública, juntamente com a equipe interdisciplinar, iniciativas voltadas para a formação e informação dos cidadãos. Assim, a obra de arte pública vem ocupando uma função que contribui para a reorganização do espaço, redefinindo o espaço urbano através da intervenção artística. A obra estabelece mudanças no cenário, estimula o debate, dialogando com a arquitetura e o urbanismo, bem como com a realidade social reinante no entorno escolhido para a viabilização do projeto.

Nessa perspectiva é resgatar as festas, os monumentos, os diários de viajantes, as fotografias, as lembranças e os registros dos locais a serem interpretados, reconstruindo a memória coletiva, a partir da história oral e documentada, e leva em conta o envolvimento da população local na interação com os visitantes, comunicando o valor de seu patrimônio e redescobrimdo novas formas de olhar e apreciar o lugar.

Sobre as festas antigas poucos registros iconográficos restam, existindo apenas algumas fotografias e um filme em Super 8. Daí a importância de se resgatar e reunir fragmentos dessa memória, despertando a conscientização da população local para a sua preservação ao agrupar o material em um espaço único, além de registrar sistematicamente o presente, criando uma referência digna do diferencial cultural da comunidade de São Sebastião das Águas Claras. As entrevistas registradas, as imagens resgatadas, os objetos remanescentes do tempo farão parte do acervo do projeto *Arqueologia da Memória*.

Nos últimos anos a Festa de São Sebastião tem recebido importante contribuição e ampliado a sua beleza, pela constante participação dos novos moradores do lugar, que agradecem o santo com bandeiras inéditas a cada ano, como as criadas pelo artista Ivã Volpi. Verdadeira obra de arte, é imprescindível que esse material conste do acervo do Centro de Memória que se propõe construir. Cada bandeira do artista é elaborada de forma participativa, a comunidade lhe oferece imagens, que são por ele criativamente reinventadas.

Retomando o recorte desta comunicação, o projeto *Arqueologia da Memória* vem na esteira de outras iniciativas de intervenções artísticas realizadas junto aos moradores desse lugar que foram iniciadas pelos artistas Ivã Volpi e Leo Santana, quando escolheram o arraial de São Sebastião das Águas Claras, em Macacos, para viver e trabalhar. Desde 1986, quando se mudaram para o arraial, vêm desenvolvendo um trabalho artístico junto à comunidade e hoje são considerados macaqueiros, como são chamados os habitantes do lugar.

Macacos é uma pequena cidadezinha do interior de Minas, próxima de Belo Horizonte, pertencente ao município de Nova Lima, que tem uma natureza exuberante, com matas verdes, ribeirões, cachoeiras e muita água, considerada Área de Proteção Ambiental da Região Sul de Belo Horizonte (APA-Sul). Mas todo esse verde está sendo ameaçado pela exploração do minério na Serra do Curral, pela ação predatória dos motoqueiros que cortam trilhas nas montanhas e dos turistas de fim-de-semana que destroem as cachoeiras.

Protestando contra essa destruição no arraial de Macacos, Ivã Volpi e Leo Santana organizaram, com a comunidade local, vários carnavais ecológicos e lançaram manifestos reivindicando proteção das áreas verdes. Protestaram contra a abertura de estradas que cortariam a área verde, contra os praticantes de *trailer*, que com suas motos vinham causando grandes prejuízos à natureza. Em 1993 Ivã Volpi e as crianças do arraial realizaram a proposta *Costurando a Trilha das Perdidas*, uma instalação de bambus costurando as fendas deixadas pelas motos na Serra do Curral.

Em 1994, Leo Santana realizou a *Alquimeria*, uma intervenção que denunciava a destruição dos rios pelas mineradoras. As esculturas, feitas de concreto celular e minério de ferro foram instaladas no ribeirão dos Macacos e representavam fragmentos de figuras humanas se afogando e gritando por socorro.

Considero as intervenções de Ivã Volpi e Leo Santana em São Sebastião de Águas Claras um trabalho exemplar na perspectiva de uma arte pública articulada com o todo, contribuindo decisivamente na discussão das questões ambientais e comunitárias.

O projeto *Arqueologia da Memória* também é desenvolvido de forma participativa, a partir do diálogo com as diversas comunidades que convivem nesse local. As características das propostas do programa *Arte/Cidade* se aplicam em parte à nossa iniciativa, que é adequada à primeira etapa do projeto idealizado por Nelson Brissac Peixoto, quando se delimita um *sítio*, no caso a Capela de São Sebastião e seu entorno, como foco para o desenvolvimento da ação. Entendo aqui o *sítio* como um ponto de referência, e considero que a ação está muito além da edificação arquitetônica, uma vez que proponho um trabalho de resgate da identidade cultural e religiosa do local, uma revalorização da memória e das relações sociais e suas tradições.

Nesse caso substituo a consideração de seleção do *sítio*, ou amplio seus horizontes, por meio de uma investigação junto às comunidades que freqüentam e constroem a história do lugar, realizando entrevistas e pesquisas de opinião. O projeto vem sendo organizado em etapas, procurando fazer retornar à sociedade valores que facilitem o seu cotidiano e atendam às suas necessidades, proposta iniciada com a restauração da Capela, o resgate das festas religiosas e a intervenção da construção do Centro de Memória.

Para a construção do Centro de Memória optamos por buscar um desenho arquitetônico que estabelecesse o diálogo entre o contemporâneo e a arquitetura barroca da capela. O arquiteto João Diniz elaborou um desenho transparente que não interferisse na sobriedade da valiosa arquitetura da Capela, permitindo que, ao entrar na obra, o público pudesse estabelecer um diálogo com o Arraial, transitando entre a tradição e o contemporâneo, experimentando novas possibilidades de leitura a partir do (re)conhecimento do passado.

Para a realização do projeto, envolvemos a administração da cidade e principalmente a instituição religiosa, que funciona como centro de congregação dos valores tradicionais e específicos do local, como as manifestações sociais, festivas e culturais. Essa ação não se coaduna com as características específicas dos megaprojetos, mas certamente se esclarece como uma proposta alternativa, que segundo definição de Peixoto, é uma intervenção potencializadora de situações urbanas, em relação direta com as comunidades. Distingue-se das obras ditadas pelo desenho preestabelecido da cidade e pelos interesses econômicos e sociais dominantes. Visa reconstruir com essa comunidade os valores tradicionais, colocando-os em diálogo com a contemporaneidade, possibilitando-lhes a reconquista de sua dignidade e a possibilidade de sobrevivência às novas relações sociais que se manifestam diariamente.

Dessa forma, a proposta *Arqueologia da Memória* extrapola a construção arquitetônica, uma vez que se organiza por elementos invisíveis, formando uma obra viva e em constante processo de construção. Ao trabalhar com elementos da memória, abordando questões das relações sociais, políticas, religiosas e afetivas, busco valorizar os elementos únicos, pertencentes a um lugar, capazes de se tornar universais graças à sua revalorização e também à sua especificidade.

Ao fazer a escolha do local para a realização do projeto, fui motivado pela realidade na qual se encontrava a comunidade religiosa de São Sebastião, uma vez que o arraial vem sofrendo inúmeras mudanças, seja pelo turismo desorganizado, a chegada de novos moradores ou a ampliação do comércio. Tudo isso foi gradativamente ameaçando o seu nobre patrimônio, suas tradições e crenças, os elementos culturais e artísticos capazes de definir o referencial de um lugar.

Foi em torno desse monumento que se deu a origem do arraial e é a partir dele e daqueles que nele se congregam que realizo a minha viagem arqueológica em busca da memória, buscando transitar entre o presente e o passado.

Pesquisei junto aos moradores aspectos sociológicos e antropológicos, utilizando-me da prática contemporânea das intervenções urbanas, promovendo um mapeamento cultural e social.

Ao eleger a Capela de São Sebastião e o seu entorno como foco da intervenção, estou propondo uma nova cartografia para o Arraial, observando a relação dos habitantes com esse monumento que se faz o mais significativo do lugar e capaz de possibilitar a construção de um imaginário definidor de uma identidade específica. Chego aos resultados por meio da pesquisa oral e documental, entrevistando pessoas representativas da comunidade local, restaurando seu monumento artístico e resgatando a tradição dos rituais religiosos, pelo diálogo com os atores dessa história. São fundamentais, em todas as etapas do processo, as referências originadas dos depoimentos, carregadas de informações históricas e desejos futuros, respeitando-se a representação que cada um faz de seu monumento e de seu entorno. Essa ação vai ao encontro do método psicogeográfico, que constrói novos roteiros para a cidade a partir dos referenciais da memória e do imaginário social.<sup>3</sup>

O objetivo é estabelecer um amplo contato do público com fatos da memória histórica que formam a tradição e o diferencial do arraial. Isso possibilita a ampliação dos horizontes tanto dos visitantes quanto da comunidade local, um elo entre o presente e o passado, determinando uma história em constante movimento.

Descrevo a seguir as etapas metodológicas adotadas para a elaboração e desenvolvimento do projeto *Arqueologia da Memória*.

Tendo como objetivo possibilitar a participação efetiva da comunidade, busquei compreender o imaginário social das pessoas que vivem em São Sebastião das Águas Claras, desde os moradores mais antigos, aos sítiantes e comerciantes que se estabeleceram recentemente, além dos turistas, considerados aqui como comunidade flutuante. Nossa equipe realizou inúmeras reuniões e palestras com as lideranças locais, e foi lançado um folder para divulgação dos trabalhos que seriam desenvolvidos, e um segundo folder/pesquisa para colher a opinião dos vários setores da comunidade sobre a proposta de implantação do Centro de Memória. O trabalho da equipe colaborou para a reestruturação da Festa de São Sebastião, no dia 20 de janeiro, e o restabelecimento da Missa Dominical, pois anteriormente ao processo de restauração ela se dava mensalmente e em um dia de semana. Os resultados da pesquisa de opinião foram discutidos em reuniões coletivas, e escutamos a voz de alguns líderes da comunidade por meio de entrevistas individuais.

Pelas características do projeto desenvolvido em São Sebastião, encontrei, na metodologia apresentada e praticada pela estudiosa Tânia Barros Maciel, elementos que me auxiliaram e serviram como referência em minhas aplicações metodológicas. A autora aborda questões metodológicas da ecologia social voltadas para uma proposta interdisciplinar que desenvolve junto à uma comunidade local. Tal proposta vai ao encontro da Teoria da Decisão, que objetiva aproximar a teoria da prática.<sup>4</sup>

Procurei os líderes locais e expus o projeto de restauração da Capela, patrimônio artístico que se encontrava em péssimo estado de conservação. A partir desse primeiro contato pude confirmar a ansiedade da comunidade em ver restaurado o brilho de sua tradição cultural, o desejo de resgatar a beleza das festas religiosas do passado e reconquistar a sua identidade. Essa cultura sofreu um amplo processo de descaracterização frente ao turbilhão determinado pelas mudanças ocorridas nos últimos anos no Arraial. Procurei manter a comunidade local informada sobre o andamento do processo, através de folder informativo, reuniões, palestras, enquetes, entrevistas e por meio dos veículos de comunicação, como a imprensa escrita e televisiva.<sup>5</sup>

A restauração foi o primeiro passo a ser implementado, sendo realizada em ateliê montado na própria Capela. O processo de restauração pôde ser acompanhado pelos moradores e visitantes em

<sup>3</sup> FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo, SESC/Anablume, 1997.

<sup>4</sup> MACIEL, Tânia Barros. Paradigmas e desafios da ecologia social: aplicações das teorias e das práticas de um projeto de desenvolvimento local. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Paradigmas em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

<sup>5</sup> Foram realizadas reuniões com os diversos segmentos da comunidade nos dias: 1º maio 2002, 10 ago. 2002, 14 set. 2002, 25 set. 2002 e 21 jul. 2003, e também com a Comissão de Patrimônio da Prefeitura de Nova Lima, em 25 set. 2002.

palestras dirigidas. Foi possível ainda o envolvimento de pessoas da comunidade nos trabalhos técnicos de restauração, ação que propiciou o conhecimento e a conscientização sobre o valor do acervo, preparando-os para uma continuidade nos cuidados da preservação de seu patrimônio artístico.

Organizamos, em seguida, uma enquete sobre o plano de ação e a primeira sugestão de desenho do Centro de Memória para implantação da obra *Arqueologia da Memória*, editada em folder e distribuída em ampla escala para a comunidade local, turistas, e também para o circuito artístico. A peça gráfica era composta de textos, imagens e ficha para votação, e espaço para sugestões. Os resultados da pesquisa de opinião pública apontaram que mais de 90% dos participantes desejavam que a intervenção artística fosse realizada, principalmente pelo caráter de resgate e preservação da memória local defendida pela proposta.

Nas reuniões discutimos as várias possibilidades para a implantação do projeto. O desenho inicial apresentado pelo arquiteto João Diniz teve seu programa aprovado, pois a sala multimeios, o espaço de exposição e a infra-estrutura para atendimento ao público resolveriam as demandas da coletividade; porém, o reduzido espaço físico existente no entorno da Capela inviabilizava a execução do projeto arquitetônico proposto inicialmente.

A segunda proposta discutida foi a de manutenção da edificação presente nos fundos da Capela, realizando-se apenas uma reforma no barracão para torná-lo mais adequado às necessidades de seus usuários. Porém, o laudo técnico emitido por especialistas da área de conservação e restauração constatou que a proximidade da construção, além de sua total falta de estilo, inviabilizava a sua manutenção. A presença dessa construção obstrui a vista dos fundos da Capela, impede a circulação do ar e inviabiliza a ação dos raios solares, o que acarreta danos ao acervo artístico recém-restaurado, que vem sofrendo permanentemente a ação de fungos, prejudicando a sua conservação. Considero que a manutenção do barracão, da forma que se encontra, agride o conjunto arquitetônico, pela ausência de estilo e pelo tipo de materiais utilizados em sua construção. Defendo, assim, em caso de manutenção de uma construção nos limites de proximidade da Capela, que se realize uma nova obra com um projeto com características e tecnologia contemporâneas, que marque o momento de sua construção, estabelecendo o diálogo entre o antigo e o novo.

Como terceira proposta sugeriu-se a busca de um outro espaço, fora dos limites da Capela, para a construção do Centro de Memória e as instalações de infra-estrutura para o funcionamento das atividades religiosas. Essa possibilidade foi descartada pela comunidade, que considera que as atividades religiosas devem ser mantidas em um mesmo espaço. Ao longo do processo busquei ainda a alternativa de negociação de uma expansão da área da Capela para o terreno vizinho. Tal iniciativa foi inviabilizada, por essa área pertencer a particulares e já se encontrar em utilização.

Considerando o diálogo estabelecido com a comunidade e o poder público ao longo do processo de construção do projeto, optamos pela edificação de uma obra que valorizasse estética e tecnicamente a capela e seu entorno. Portanto, solicitei ao arquiteto João Diniz um novo projeto, mantendo o mesmo programa da proposta inicial.

Dessa forma propusemos executar a nova construção, que atenderá à demanda da comunidade, agora sem interferir de forma negativa no sítio histórico existente, apresentando-a de forma subterrânea. Essa nova possibilidade contribui para a eliminação das interferências estéticas determinadas pela presença do barracão no entorno da Capela, e favorece a conservação da mesma, que passará a receber uma maior incidência de luz solar e ampla circulação de ar. Ao eliminar o barracão existente e em seu lugar construir novas instalações segundo um projeto arquitetônico atual, esperamos contribuir efetivamente com um registro que marcará um novo momento na arquitetura e na história da comunidade de São Sebastião das Águas Claras.

A nova arquitetura, ainda que invisível, se transformará no Centro de Memória e tradições da comunidade local, onde a história acontece de forma viva, havendo respeito às tradições, sempre em sintonia com a contemporaneidade. Será um espaço voltado para a valorização de sua cultura, possibilitando a continuidade da preservação de suas histórias de vida. Essa nova construção ganhará significados a partir de sua ocupação subjetiva e será povoada pela memória efêmera e, ao mesmo tempo,

determinante do cotidiano dos frequentadores do lugar. O novo espaço destinado aos encontros sociais, proporcionado pelo auditório multimídia, possibilitará o estímulo ao debate, dinamizando as ações religiosas e sociais, além de viabilizar a formação de novas gerações sobre aspectos da arte e da cultura.

*Arqueologia da Memória* visa investigar o campo do intangível, das relações dos significados sociais e culturais presentes na memória e no imaginário coletivo. Essa memória coletiva está presente nas reivindicações e sonhos da comunidade local, constituída de antigos e novos moradores – os religiosos, artistas, ecologistas, comerciantes, sitiantes, entre outros. Nesse sentido, a intervenção interdisciplinar que vem sendo realizada em São Sebastião das Águas Claras propõe evidenciar o imaginário coletivo dos habitantes da região.

De acordo com Vera Pallamin:

Em meio aos espaços públicos, as práticas artísticas são apresentação dos imaginários sociais. Evocam e produzem memória, podendo, potencialmente, ser um caminho contrário ao aniquilamento de referências individuais e coletivas, à amnésia cidadina promovida por um presente produtivista. É nestes que, influenciando a qualificação de espaços públicos, a arte urbana pode ser também um agente de memória política.<sup>176</sup>

Concluindo, essa obra participativa e democrática tem contribuído para a troca de experiências, a identificação dos muitos componentes dos espaços urbanos e leva à ampliação do repertório do ambiente local por meio da participação de todos e do respeito aos valores culturais de cada comunidade. Assim, mesmo que haja o crescimento do sistema urbano no local, haverá simultaneamente a preservação da tradição da memória cultural em sintonia com as mudanças que se propõem no presente, desviando o olhar de uma preservação romântica e nostálgica, e oferecendo uma constante construção cultural como resposta ao cotidiano urbano experimentado pelas comunidades.

O espaço da *Arqueologia da Memória*, sendo o ponto de confluência de elementos do passado com a inserção de elementos emergentes, deve preservar os valores populares, e esses devem ser, permanentemente, pesquisados e registrados, pois constituem a baliza para a compreensão da memória cultural – elemento fundamental para a dinâmica do repertório de arte pública da cidade. A força da revitalização do espaço de encontro – combinando a arquitetura do passado com a arquitetura contemporânea – conjugado com o respeito aos valores populares, faz com que haja uma melhoria na qualidade de vida de todos os atores da história. A reconquista do espaço urbano pelos moradores pode se dar a partir da interatividade com a arte, com o patrimônio artístico, com a cultura, e assim continuar construindo novas memórias contextuais, levando-os ao exercício da cidadania. Esta obra é uma conquista permanente de seus frequentadores, um projeto inacabado, uma proposta em constante processo, na qual o encontro do público com a obra dita as diretrizes e estabelece os diferenciais da cultura local, possibilitando seu diálogo com a diversidade.

---

<sup>6</sup> PALLAMIN, Vera. *Arte urbana*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2000. p. 57.

## Referências Iconográficas



Figura 1 - Capela de São Sebastião, Arraial de São Sebastião das Águas Claras, Nova Lima/MG, 2002. Foto: Antônio Eugênio de Salles Coelho.

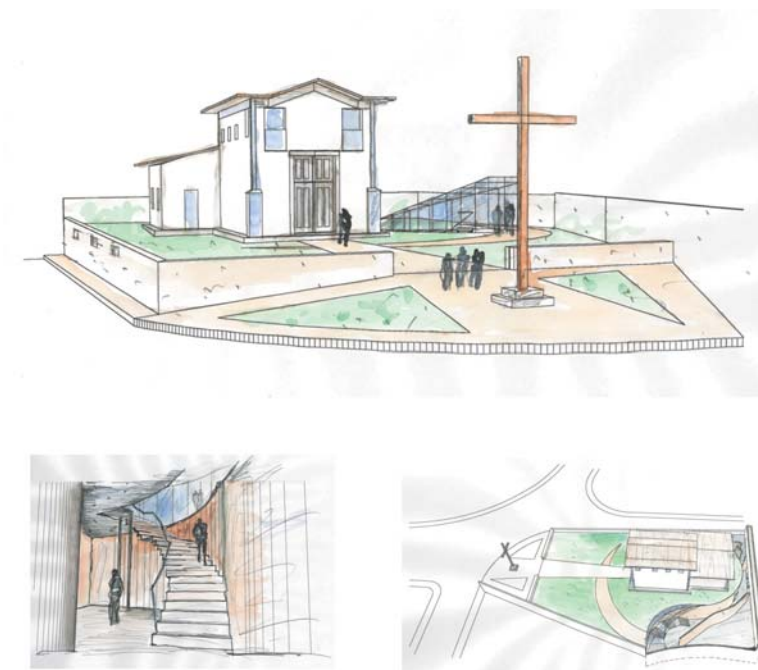


Figura 2 - João Diniz. Desenhos do 2º projeto do Centro de Memória de São Sebastião das Águas Claras, 2003.